

## **Abordagem estilística da poética de Paulo Correa Lopes.**

**CONFERENCISTA:**

Prof. Elvo Clemente (PUC/RS), em 21/09/1977.

**DEBATEDOR:**

Prof. Francisco de Assis Dantas (UFPB)

### **D E B A T E S**

Início esta segunda parte, reservada ao debate, dizendo da posição incômoda do debatedor, por ter de escolher, como se costuma fazer, de duas uma: louvar ou “malhar”. Neste momento, da minha parte, não se trata de louvar, pela falta de jeito para isso, nem de “malhar”, por não haver razão para tanto. Fico no meio termo, reconhecendo o valor da exposição do Professor Elvo Clemente, e por outro lado, fazendo restrições: algumas, talvez, nem tanto pertinentes, por eu desconhecer a obra de Paulo Correa Lopes, e outras, que vão por conta das limitações da própria Estilística. Sabemos não serem poucos nem pequenos os problemas enfrentados por essa disciplina.

Eis algumas colocações a respeito do que acabamos de ouvir:

1.º) O ilustre conferencista não acha um tanto fora de sentido, em se tratando de um congresso nacional, a abordagem estilística de um poeta praticamente desconhecido e que, como diz Celso Pedro Luft, “ficou sempre confinado à província... E, mesmo aí, sem grande ressonância”? E mais: “Essa fidelidade ao vivido, essa sede de sinceridade, esse árduo labor da forma precisa e concisa, com a eliminação de tudo que não fosse essencial, esse feroz policiamento da

consciência artística, enfim acabou mutilando em P. C. L. o grande poeta que poderia ter sido. No conjunto de sua poesia fica dominando um frustrado tom-menor. Faltou-lhe entrega à inspiração, à loucura poética” (Ver **Dicionário de literatura portuguesa e brasileira**. Porto Alegre, Globo, 1967, p. 159—60).

2.º) Na parte II (Visão geral e método), o Sr. disse o seguinte: “Quem lê superficialmente Correa Lopes não vê senão uma pequena poesia esparsa em pequenos poemas... Adentrando, porém, o sentido da sua mensagem e sua criação artística, reconhecemos uma poesia vigorosa, profunda, que canta os fatos comuns da existência dando-lhes um significado transcendental”. Julgo que a parte propriamente estilística deveria estar orientada, exatamente, no sentido de demonstrar, através do relacionamento — “sua mensagem e sua criação artística” — o reconhecimento dessa poesia “vigorosa, profunda”. E isto não é conseguido, pela superficialidade, ou melhor, pela simplicidade da abordagem. Na verdade, ressuma, daí, uma supervalorização da mensagem, entendida aqui, a meu ver, como aquilo que o poeta tem a dizer. Tem-se, assim, uma valorização da “poesia” / poema só pelo valor conteudístico (ou informativo/não-informacional) da mensagem: o religiosismo de Paulo Correia Lopes. Aqui lanço a seguinte questão: os pequenos poemas de Paulo Correia não serão consequência de uma limitação estilística de que resulta, por seu turno, sua pequena poesia, justificável, pelos que o admiram, no rótulo “poeta da simplicidade”?

3) Na temática, o Sr. se propõe fazer uma abordagem estilística da poética de Paulo Correia Lopes, enquanto, na parte introdutória, explícita o interesse em uma análise (“A análise dessa obra vai proporcionar-nos a compreensão de sua poesia”). Por tratar-se de uma obra praticamente desconhecida, não seria mais proveitosa a análise estilística de um ou mais poemas, integrais, de Paulo Correia Lopes? Julgo que a simples abordagem de fragmentos, sobretudo nos moldes em que foi aqui formulada, não nos levou nem pode levar-nos à compreensão ou ao reconhecimento da poética de Paulo Correia Lopes, uma vez que os processos expostos são comuns mais à poesia da época em que vivemos (ou em que viveu o nosso poeta) do que mesmo a este ou àquele poeta!

4.º) Quanto ao ecletismo metodológico “para melhor captar as riquezas estilísticas”, não acha perigoso tal ecletismo, aliás já condenado por Dámaso Alonso, citado em seu trabalho, que vê nisso o perigo das “vaguezas” e das misturas”?

5.º) Não lhe parecem um tanto contraditórias as seguintes afirmações:

- a) “Correa Lopes é **consciente**, age com severidade na escolha, tanto dos vocábulos como na forma de seus poemas. Tem **precisão na expressão e no sentido dos termos**. Tudo nele aparece **tão discreto, tão burilado**, que nos dá idéia de um ourives no fino labor de jóias” (Introdução);
- b) “A **concisão torna o vocábulo denso, carregado de significado**. Entramos aí no conceito de poesia de Ezra Pound: **palavra carregada de significações**” (Parte central);
- c) “O vocabulário é **todo fácil, sem nenhuma complexidade lexical**”?

6.º) Para concluir, quero acreditar que uma análise, ou abordagem estilística, não pode nem deve mais abrigar afirmações do tipo seguinte:

“Outro caso curioso de paralelismo sintático é o poema ‘**Violão**’. Através dos versos aparece a **imagem e a música do instrumento**. **Ouvimos-lhe os sons, presenciamos a mão que percute as cordas**. A mão que traça a linha ascendente do poema, traça, na sua volta, a paralela descendente”. (Grifamos). Exemplo:

‘Tinha de vir tudo o que veio  
e tinha de ir tudo o que se foi’.

Não conhecemos o poema inteiro, mas ficamos a indagar se os dois versos aqui citados favorecem, realmente, esse tipo de observação.

Por limitação do tempo que me cabe, deixamos de apresentar outras observações. Aproveitamos a oportunidade para agradecer à Professora Elizabeth Marinheiro por haver-se lembrado de incluir meu nome na participação deste Congresso, de tamanha significação.

Muito obrigado!